



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

FABRÍCIO SOARES SOUZA

**“ESPELHO, ESPELHO MEU, EXISTE UM CORPO MAIS BELO QUE O
MEU?” O CORPO NA CONTEMPORANEIDADE NA ÓTICA DA
PSICANÁLISE.**

Brasília
2016

FABRÍCIO SOARES SOUZA

“ESPELHO, ESPELHO MEU, EXISTE UM CORPO MAIS BELO QUE O MEU?” O CORPO NA CONTEMPORANEIDADE NA ÓTICA DA PSICANÁLISE.

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica

Orientador: Prof. MSc. Ciomara Schneider

Brasília
2016

FABRÍCIO SOARES SOUZA

“ESPELHO, ESPELHO MEU, EXISTE UM CORPO MAIS BELO QUE O MEU?” O CORPO NA CONTEMPORANEIDADE NA ÓTICA DA PSICANÁLISE.

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica

Orientador: Prof. MSc. Ciomara Schneider

Brasília, ____ de _____ de 2016.

Banca Examinadora

Marcos Chedid Abel

Prof. Dr. Nome completo
Tânia Cristina da Silva Cruz

Prof. Dr. Nome completo

Ao meu pai (*in memoriam*)

AGRADECIMENTO(S)

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais e ao poder superior, que desde que eu vim ao mundo sempre apostaram em mim independentemente das circunstâncias na qual estava envolvido e que já mais desistiram de mim e me apoiaram incondicionalmente.

Gostaria de agradecer a professora Ciomara e ao professor Gilson que com toda dedicação e empenho me estenderam a mão sempre que precisei, a minha irmã e a minha tia Ana que me incentivaram nos momentos difíceis da minha vida e que sempre me encoraja nos momentos de fraqueza.

Sou grato pelas pessoas que me ajudaram no passado, agradeço aos meus proferes Kátia Brasil por me fazer gostar da área clinica e por me ajudar sempre que precisei, ao professor José Eduardo Pandóssio que por anos estive em seu laboratório ajudando-o nos experimentos onde aprendi muito com o exemplo de professor, e por fim tenho uma enorme gratidão e respeito com os professores Cláudio Cordova que confiou em mim ao chamar um aluno de primeiro semestre para fazer parte de seu grupo de pesquisa e ao professor Wilson Vianna que me ensinou a ter o espírito acadêmico e o valor de se fazer boas perguntas que são ferramentas de suma importância para qualquer pesquisador.

Por fim gostaria de agradecer ao grande mestre que foi meu pai, para com ele tenho uma dívida impagável de gratidão espero que algum dia eu tenha pelo menos a metade da coragem, da disposição e da sabedoria dele para encarar o mundo como ele teve.

RESUMO

O objeto de estudo do presente trabalho é o corpo inserido na pós-modernidade, onde coube problematizar qual a compreensão corporal dos sujeitos que estão inseridos no referido contexto, como conceitos psicanalíticos podem ajudar a entender questões corporais dentro da sociedade atual. Ainda dentro do problema outra questão se fez relevante no trabalho: de que forma a psicanálise do ponto de vista freudiano e lacaniano podem colaborar para dar um melhor entendimento sobre as novas perspectivas que se tem visto nos dias de hoje e como a psicanálise pode ajudar a decifrar o sujeito pós-moderno que está em constante conflito com o corpo. Com isto o objetivo geral consistiu em analisar e verificar por meio do levantamento bibliográfico o entendimento corporal dos sujeitos por meio da ótica psicanalítica perpassando pelos pontos de vista de Freud e Lacan, culminando assim nos objetivos específicos da análise por meio da ótica freudiana e lacaniana de como o corpo é influenciado pela cultura contemporânea e como ela afeta o entendimento dos sujeitos em relação ao corpo. A metodologia utilizada para tornar esse trabalho viável foi o levantamento bibliográfico, onde se fez uso de livros e artigos científicos para dar consistência ao que fora escrito.

Palavras-chave: Corpo. Pós-Modernidade. Imagem Corporal.

ABSTRACT

The object of study of the present work is the body inserted in postmodernity, where it was possible to problematize what the body comprehension of the subjects that are inserted in the said context, as psychoanalytical concepts can help to understand corporal questions within the current society. Still within the problem another question became relevant in the work: in what way the psychoanalysis from the Freudian and Lacanian point of view can collaborate to give a better understanding about the new perspectives that have been seen in the present day and how psychoanalysis can help to decipher the postmodern subject who is in constant conflict with the body.

With this, the general objective consisted in analyzing and verifying through the bibliographical survey the corporal understanding of the subjects through the psychoanalytic point of view, passing through the points of view of Freud and Lacan, culminating in the specific objectives of the analysis through the Freudian and Lacanian how the body is influenced by contemporary culture and how it affects the subject's understanding of the body. The methodology used to make this work viable was the bibliographical survey, where scientific books and articles were used to give consistency to what had been written.

Key words: Body. Postmodernity. Body Image.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 A ORIGEM DO NARCISISMO	09
1.1 Senta que lá vem a história	09
1.2 Dissecando o narcisismo e seus desdobramentos	11
1.3 As consequências edípicas no futuro homem	15
1.3.1 O Édipo na mulher	16
1.4 Enfim, sobre o corpo	18
2 PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS DO CORPO	22
2.1 O corpo, o ego e a sua imagem e semelhança	22
2.2 A cultura e o social como estruturante corpóreo	25
3 CORPO PSICANALÍTICO X CORPO CULTURAL	28
3.1 A cultura no corpo	28
3.2 Cartografia do corpo pós-moderno	29
3.3 O corpo nos registros: Real, Simbólico e Imaginário	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de questões corporais que estão vigentes em nosso contexto e como estas influenciam cultura, economia, sociedade e por que não o aspecto psicológico dos sujeitos onde as tendências corporais ditam como o mundo deve ser assim como o contrário deve ser considerado pelo fato destes fenômenos se influenciarem mutuamente.

Até então o corpo era visto sob a ótica cartesiana, ou seja, ele era apenas um amontoado de peças e engrenagens que funcionavam de maneira extremamente orquestrada como uma verdadeira máquina bem lubrificada onde a medicina se apossou dele durante muito tempo.

No decorrer da monografia trata-se da evolução do objeto de estudo que é o corpo no sentido de como é compreendido, no passado visto e sentido como o corpo biológico obstruindo assim outras possibilidades de explorá-lo melhor.

O intuito do trabalho é fazer uma linha do tempo sobre o entendimento do corpo e sua evolução até chegar como é visto e sentido atualmente e como ele dá as cartas em termos de existência, analisando assim por meio de levantamento bibliográfico e da ótica psicanalítica de Freud e Lacan a concepção corporal que os sujeitos têm do corpo.

Para alcançar esses objetivos foi necessário a realização de levantamento bibliográfico que se deu por meio de livros e artigos científicos, valendo-se dos teóricos mais usados aos teóricos contemporâneos para embasar esse trabalho.

Recorremos à mitologia grega para esclarecer de onde vem esse interesse excessivo pela aparência e o mito escolhido fora a história de Narciso que se faz presente até os tempos atuais como se pode ver no título do trabalho que é uma menção da história infantil Branca de Neve e os sete anões onde se vê a madrasta da personagem principal perguntando ao espelho sobre sua beleza.

O primeiro capítulo está embasado nas idéias pioneiras de Freud, o principal teórico da psicologia e criador da psicanálise onde se mostra um corpo nunca visto até então: um corpo pulsional, libidinal onde vontades e desejos perpassam por ele.

Já o segundo capítulo trata das questões corporais pela ótica dos autores pós-freudianos, onde tratam o corpo de uma maneira mais atual não deixando de fazer paralelo com as idéias de Freud e dilatando alguns conceitos do criador da psicanálise contextualizando com os tempos atuais.

No terceiro e último capítulo faz-se uma mescla dos conceitos da psicanálise com a antropologia e a sociologia, prova de que o corpo veio a passar por transformações que jamais seriam pensadas ou teorizadas pelos intelectuais do passado.

Desse modo a justificativa para a realização desse trabalho se dá pelo crescente número de sujeitos em busca da perfeição corporal que chamou a atenção do autor, vislumbrando assim um campo a ser pesquisado pelas lentes da psicanálise para entender tal fenômeno.

1 A ORIGEM DO NARCISISMO

1.1 Senta que lá vem história

O capítulo que se segue tem o intuito de apresentar como se originou um dos conceitos mais importantes da psicanálise, o narcisismo. No primeiro momento do texto será apresentado o mito grego que batiza tal idéia e como Freud se valeu dele para criar a teoria que servirá como uma das bases para entender como o corpo pós-moderno é visto e sentido.

No decorrer da leitura o termo adotado por Freud será explicado utilizando as idéias do autor e como ele foi aprofundando este termo ao longo das linhas que se segue e fazendo assim paralelos com o contexto da sociedade atual.

Para compreender a importância do corpo na ótica psicanalítica, se faz necessário retomar a história de um dos seus mais conhecidos mitos a partir do qual Freud desenvolveu um dos seus principais conceitos da psicologia: o mito de Narciso que possui relevância para entender a mente humana e a constituição do ser humano como sujeito.

Retomamos o conto de Narciso, que era filho de uma ninfa muito bela, que pergunta ao vidente Tirésias se seu belo filho teria uma vida longa. O vidente dá uma resposta inesperada: sim, caso ele não venha a se conhecer.

Narciso cresceu, sempre vistoso e belo. Jovem, diversas moças e ninfas almejavam sua atenção e amor, porém o garoto não dava atenção a nenhuma delas acarretando assim enorme frustração a todas elas.

Certo dia, Narciso enquanto caçava na floresta a ninfa chamada Eco o avistou. Eco sofrera uma punição que Hera havia lhe aplicado, só era capaz de se valer de sua voz para repetir os sons das palavras proferidas por terceiros. Ao entrar em contato com a beleza de

Narciso, Eco apaixonou-se perdidamente por ele e foi rumo ao seu enalço. Assim decidiu mostrar seu amor, abraçando-o. Narciso afastou a ninfa de si.

Desiludida e decepcionada, Eco se escondeu na floresta com a face encoberta por folhagens. Devido a esse amor não correspondido foi aos poucos definhando até chegar ao estado de pele e osso, seu corpo esvaiu-se pelos ares. Restando-lhe, apenas, a voz e os ossos, que, segundo falam, transformaram-se em pedras.

Nêmeses, a deusa julgadora dos crimes e das más condutas, ouviu o clamor da jovem e assim foi feita a sua vontade.

Existia um espelho d'água límpido e transparente, de águas cristalinas, onde jamais homem, animal ou pássaro algum haviam tocado. Narciso, exaurido pelo esforço da caça, foi repousar pelas imediações do lago. Ao inclinar-se para saciar sua sede, viu, de repente, sua imagem refletida no espelho d'água e admirou-se com que estava vendo.

Atônito, ficou parado como uma estátua, vendo seus próprios olhos que podem ser comparados aos de Dionísio ou até mesmo de Apolo, sua face lisa, seu pescoço com a coloração semelhante à de marfim, a beleza de seus lábios e o rubor que pintava de vermelho o rosto alvo. Encantou-se por si mesmo, sem ter noção que o dono daquela imagem era ele, refletida no espelho d'água. Nada e nem ninguém conseguia tirar Narciso da contemplação que estava envolvido, nem a fome, nem a sede, nem o sono.

Por diversas vezes projetou os braços para dentro da água para tentar sem sucesso aparar com o braço aquele ser hipnotizador. Chegou ao ponto de despejar lágrimas, que iam borrando a imagem refletida. Em desespero e quase exaurido, Narciso proferiu suas últimas palavras no tom de desalento e impotência pelo fato de não conseguir ter a si mesmo.

O local em que se encontrava fez ecoar o que dissera. E quando falou adeus, Eco também respondeu adeus. Estando estafado, Narciso repousou sobre a relva, e a Noite veio fechar seus olhos. Conta-se que, nos Infernos, Narciso continua a admirar sua imagem refletida nas águas transparentes do rio Estige.

As ninfas juntamente com as demais jovens incluindo Eco, choraram amargamente pelo falecimento de Narciso. Já prepararam o seu corpo uma pira quando perceberam que sumira. Em seu lugar, existia somente uma flor de cor amarela, com pétalas brancas em seu centro (VASCONCELLOS, 1998).

Se o surgimento do narcisismo é importante para a fase inicial da constituição do sujeito, é tão fundamental quanto seu enfraquecimento. Ao nos conhecermos melhor nosso narciso pode cair por terra de forma positiva, mas se mantivermos a paixão pela imagem narcísica ela não permitirá o crescimento, o advir do sujeito.

Aqui se pode fazer uma analogia com a anorexia que permite que seu corpo defina porque ela não pode permanecer no amor narcísico? Adiante tentaremos responder a isso.

Narciso não morreu, ele desapareceu, assim podemos relacionar que Freud (1914/2010) desenvolveu um dos conceitos primordiais da psicanálise através desse mito. O narcisismo não é eliminado, mas tende a uma redução à medida que o desenvolvimento da criança acontece o que vão restar são as marcas desse período narcísico.

Neste sentido cabe compreender o que vem a ser a palavra narcisismo, após breve introdução da mitologia se faz necessário recorrer ao conceito deste termo para dar continuidade ao trabalho.

1.2 Dissecando o narcisismo e seus desdobramentos.

O termo narcisismo é o amor que a pessoa tem pela própria imagem, ou seja, o conceito é utilizado em psicanálise para descrever um determinado comportamento em que o sujeito cuida do próprio corpo do mesmo modo que cuidaria do corpo da pessoa amada. O descobrimento do narcisismo conduz Freud (1914/2010) a sugerir a presença de uma etapa do aprimoramento sexual entre o auto-erotismo e o amor de objeto. O que leva a uma primeira união das pulsões sexuais, apontando desse modo um estágio necessário da evolução da libido antes que a pessoa se volte para um objeto sexual interno.

No decorrer da conceituação do narcisismo Freud (1914/2010) vem descobrir dois desdobramentos do termo: o narcisismo primário e o narcisismo secundário. O primeiro é atribuído um estado prévio no qual a criança direciona toda sua libido para si mesma, relacionada com a imagem. O narcisismo secundário já é considerado um regresso ao ego da libido subtraída do narcisismo vinculado aos afetos (KUFFMAN, 1996; LAPLANCHE; PONTALIS, 2004).

A partir dessa questão do narcisismo cabe trazer para discussão a segunda tópica do aparelho psíquico formulada por Freud (1923/2011): id, ego e superego em uma tentativa de elucidar questões corporais tais como: a imagem ideal, a sua existência perante o mundo e a sua relação eu-outro.

O id nada mais é do que uma das três instâncias desenvolvidas por Freud na chamada segunda tópica da constituição psíquica. O id forma o centro pulsional da personalidade. Os conteúdos contidos nele, expressão psíquica das pulsões, são inconscientes, sendo em parte hereditários e inatos, por vezes recalcados e adquiridos.

Adotando o ponto de vista econômico, o id é, para Freud, o nascedouro inicial da energia psíquica, já do ponto de vista dinâmico, entra em divergência com o ego e o superego que, na lógica de sua origem, são as suas singularidades.

Freud (1923/2011), na segunda etapa de sua teoria do aparelho psíquico, faz uma diferenciação do id que contém tudo aquilo que foge a um controle, as pulsões e do superego que funciona como um sensor dos impulsos do id. Da perspectiva tópica, o ego encontra-se numa posição de dependência tanto para com as demandas do id, como para com as ordens do superego e das imposições com a realidade. Neste aspecto ele age como conciliador, sendo responsável pelos interesses sociais do ego e a sua independência é relativa.

Na ótica dinâmica, o ego mostra-se no centro do conflito neurótico na defesa da personalidade, montando assim uma gama de mecanismos de defesa incentivados pela percepção de um evento desconfortável (LAPALNCHE; PONTALIS, 2004).

Ao desenvolver o conceito de ego Freud viu a necessidade de dilatá-lo, portanto se fez necessário criar duas novas terminologias: ideal do ego e ego ideal. A primeira é um termo utilizado na segunda tópica que é definido como uma concordância do narcisismo e das possíveis identificações com os pais, com os seus suplentes e com os ideais de uma coletividade. Assim, o ideal do ego forma um parâmetro onde o sujeito procura conformar-se. Já o ego ideal é uma construção intrapsíquica que se diferencia do ideal do ego, que pode ser definido como um ideal narcísico de onipotência construído tomando por base o narcisismo primário, como foi visto anteriormente.

Por fim, existe o superego, uma das instancias da personalidade descrita no segundo momento de sua teoria do aparelho psíquico, onde sua função assemelha-se a de um juiz perante o ego, pode-se considerá-lo como um sensor, nessa lógica o superego desenvolve-se após a castração.

Freud enxerga na consciência moral, na auto-percepção, na construção de ideais, funções do superego. Costumeiramente o superego é tido como herdeiro do complexo de Édipo, formando-se por internalizações das reivindicações e das interdições parentais (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004).

Neste sentido o complexo de Édipo é vivenciado pela totalidade das pessoas de modo individual, ele é um evento hereditário, por ele estipulado, quase como uma programação biológica que o sujeito deve passar, quando se inicia a próxima etapa na qual predetermina o desenvolvimento do sujeito.

Partindo deste ponto nota-se que o desenvolvimento sexual da criança chega até uma fase que a genitália já tomou para si o papel norteador. Essa genitália é apenas a masculina, mais precisamente o pênis.

A etapa fálica, concomitantemente à do complexo de Édipo, não dá seqüência na evolução até a formação definitiva do genital, sendo trocada pelo período de latência. O seu encerramento acontece de maneira prevista, tomando por base eventos que retornam regularmente (FREUD, 1924/2011).

Quando o menino volta seu interesse para sua genitália, mostra-se pelo freqüente manuseio da mesma, e então percebe que os adultos recriminam seu ato. De modo indireto, com menor ou maior severidade, vem a advertência de que lhe tirarão essa parte do corpo que tanto valoriza. De início o garoto não dá a devida atenção e muito menos leva a sério a ameaça.

A análise que termina com a descrença do jovem vem por meio da observação da genitália feminina. Em certo momento, o garoto contente de ter um pênis enxerga a genitália da garota e tem de reconhecer a falta do pênis, numa criatura tão igual a ele. Nesse sentido a perda do próprio pênis torna-se real, a advertência de castração tem resultado a posteriori (FREUD, 1924/2011).

Com isso o complexo de Édipo forneceu ao jovem duas alternativas de satisfação, uma ativa e outra passiva. De maneira máscula, o jovem se pôs no lugar do genitor e tal como se relaciona com a genitora, onde o pai é visto como obstáculo, ou quis ocupar o lugar da mãe e obter o amor paterno, onde esta tornou-se segundo plano. O garoto pode ter tido pensamentos vagos do que compõe uma relação sexual aceitável, toda via o pênis estava presente nela, onde as sensações do seu próprio órgão provavam isso.

Todavia, não existia razão de desconfiar da existência do pênis na mulher, o que se considera a possibilidade de castração, nota-se que a mulher é castrada pondo um ponto final às duas alternativas de se ter satisfação do complexo de Édipo. As duas escolhas desembocavam na perda do pênis, uma, a masculina, como castigo, outra, feminina, como pressuposto. Caso a satisfação amorosa no campo do complexo de Édipo deva custar o pênis, existe um conflito de interesses narcísico nesta região do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais, assim, o conflito vence a primeira dessas forças, ou seja, o ego do jovem mantém distância do complexo de Édipo (FREUD, 1924/2011).

Levando em conta que os investimentos objetais são descartados e substituídos por uma identificação, a autoridade paterna ou dos pais, incorporadas no ego, constitui o cerne do

superego, onde toma o pai a rigorosidade propagando assim sua proibição do incesto o que assegura o ego contra a volta do investimento libidinal do objeto. Com isto as tendências libidinais que fazem parte do complexo de Édipo são dessexualizadas e parte delas sublimadas, onde há uma conversão que culmina na identificação, e em áreas inibidas na meta transformadas em impulsos.

Este processo, por exemplo, salvou a genitália, distanciou dele o perigo da perda, e por outro lado, congelou, interrompendo sua função. Neste percurso dá-se início o período de latência, que cessa o desenvolvimento sexual do jovem (FREUD, 1924/2011).

Assim como o sexo masculino, o sexo feminino entra no complexo de Édipo, um superego e uma fase de latência. Seguindo a lógica o clitóris da jovem é análogo ao pênis, todavia, na comparação com a genitália masculina ela percebe que “saiu em desvantagem”, e nota assim certa inferioridade. Durante um período ela se consola na esperança que haverá um crescimento e que posteriormente terá uma genitália igual ao do menino. Neste ponto se separa o complexo de masculinidade da mulher, a jovem não compreende a falta do pênis como uma característica sexual, onde teoriza-se de que algum dia já o possuiu e posteriormente fora castrada.

Desde já o complexo de Édipo na garota é muito mais inequívoco do que o do jovem que ostenta o pênis, segundo a experiência, dificilmente ultrapassa a traça da mãe e do comportamento feminino diante do genitor (FREUD, 1924/2011).

A menina atravessa uma encruzilhada simbólica, do pênis do bebê, seu complexo de Édipo que termina no desejo, extensamente mantido, de obter um filho do pai como um presente, de lhe dar um filho. Com isto os dois desejos de ter um pênis e um filho, mantêm-se vivamente investidos no inconsciente, e dão suporte no preparo do ser feminino para seu futuro papel sexual. A força menor da ajuda sádica no que diz respeito ao instinto sexual, que pode ser correlacionado ao enfraquecimento do pênis, contribui para a modificação das tendências diretamente sexuais em afetuosas, inibidas na meta (FREUD, 1924/2011).

Após esta explicação do complexo de Édipo retirado da fonte, cabe fazer uma pontuação utilizando um ponto de vista mais atual para tornar tal conceito mais palatável para o entendimento.

1.3 As consequências edípicas no futuro homem

Para dar início às reflexões pode-se começar pela angústia de castração do garoto, quando este confirma que pode perder o pênis a qualquer momento ao se deparar com a menina um ser tão igual a ele só com uma diferença esta não possui tal órgão.

Tal angústia de castração culmina no fim da crise edípica. Este término acaba por destruir as fantasias de prazer e de angústia, onde a criança é tomada por uma mistura de sentimentos que vai da alegria ao medo, no qual o último sentimento prevalece. Esta angústia se torna mais presente do que o prazer, manipulando o jovem a desistir de sua caminhada incestuosa até o objeto de desejo.

Com a angústia, o garoto desvia-se dos pais tidos como objetos sexuais na tentativa de salvar o falo para proteger seu corpo. Com a abdicação aos pais e a subalternidade à Lei do interdito do incesto, chega-se assim ao ápice do complexo de Édipo masculino. Em outras palavras, intimidado, o menino angustiado tem a difícil escolha entre defender a mãe ou o pênis. Neste caso, decide salvar o pênis ao invés da mãe.

Ao abrir mão da mãe, entra-se em um processo de total dessexualização dos pais culminando assim no recalque dos desejos, das fantasias e das angústias. Mais livre agora, pode explorar outros objetos que quiser genuínos e moldados as suas possibilidades reais. Somente desta maneira, separado sexualmente dos pais, o jovem pode desejar outros parceiros escolhidos fora da família (NÁSIO, 2007).

Graças à angústia gerada no processo de desenvolvimento, o narcisismo, isto é, o amor pelo próprio corpo, o amor pelo seu pênis/falo, se fez valer sobre o desejo pelos pais. Ameaçado, o narcisismo foi mais presente que o desejo, as pulsões de auto conservação foram mais predominantes do que as pulsões sexuais. Essa vitória do narcisismo sobre o desejo foi conduzida pela angústia: não esquecendo que foi pelo medo de ser lesado que o menino se desvia da mãe. Assim, a angústia será recalçada, e, costumeiramente, mal recalçada. Como resultado, pode-se perceber que a neurose no adulto nada mais é que o retorno da angústia de castração mal recalçada na infância (NÁSIO, 2007).

O complexo de Édipo no garoto deixará duas marcas indeléveis na sua futura personalidade: de um lado o nascimento de uma nova constituição psíquica, o superego, do outro lado a certeza de uma identidade sexual surgida por volta dos dois anos e confirmada mais concretamente depois da puberdade.

O superego é estabelecido por meio de um ato psíquico interessante: a criança abdica dos pais como objetos sexuais e os conserva como objetos de identificação. Uma vez que não pode mais obtê-los como objetos de seu desejo, toma posse deles como partes do seu ego; no impedimento de obtê-los como pares sexuais, promete inconscientemente ser como os genitores, em seus desejos, fraquezas e ideais. Sem poder tê-los do ponto de vista sexual, introjeta a moral dos pais.

É por meio dessa introjeção que o jovem agrega os interditos paternos que futuramente irá impor a si mesmo. A resposta dessa transição da sexualidade à moral é o que se entende por superego e os sentimentos que o expressam: recato, senso de intimidade, vergonha e delicadeza moral (NÁSIO, 2007).

Com o que fora exposto acima percebe-se que o complexo de Édipo é o pilar central da estrutura psíquica do indivíduo em seu desenvolvimento, e o modo como ele irá passar por esta experiência será o divisor de águas em sua vida futura com ele mesmo e com o mundo.

1.3.1 O Édipo na mulher

Como descrito anteriormente sobre o complexo de Édipo masculino agora faz necessário fazer uma explicação de como o complexo de Édipo e as relações parentais influenciam a vida da menina até tornar-se adulta.

No desenvolvimento do garoto, por exemplo, convivem três desejos incestuosos: possuir, ser possuído e eliminar o Outro, na garota da mesma faixa etária existe um único desejo incestuoso no começo: o de ter a mãe, posteriormente seguido pelo desejo de ser possuída pelo pai.

No sentido de possuir a mãe a garota vivencia um pré-Édipo como uma etapa necessária para chegar até o pai e dar início ao processo edípico de fato. Todavia, é sexualizando a mãe que a garota terá a oportunidade de investir sua energia libidinal para o pai. Assim, se explica por que Freud nomeia a fase de preparo da erotização do pai na fase-pré-edípica. Enquanto o garoto deseja um objeto sexual, que é a genitora, a menina deseja os dois o pai e a mãe (NÁSIO, 2007).

A entrada no Édipo no menino se dá de maneira direta, desde cedo ele deseja a mãe e se desfaz do Édipo quando toma outra mulher como objeto de desejo que não seja a genitora. Já a iniciação da garota no Édipo se configura da seguinte maneira: libidiniza a figura paterna depois de ter passado pela etapa pré-edípica onde transfere a energia sexual para a mãe e em

seguida a rejeita, a garota se livra assim do Édipo quando deseja um homem que não seja seu genitor.

Nota-se aí uma segunda dissonância entre o garoto e a garota no que diz respeito ao tempo de permanência no Édipo: ele deslibidiniza concomitantemente seus pais de maneira imediata e visceral, ela desinveste a energia libidinal da mãe e posteriormente do pai separando-se sexualmente dele de maneira gradual (NÁSIO, 2007).

Quando a garota deseja a mãe como objeto sexual tomando perante ela atitude semelhante ao do garoto na fase edípica, assim como ele, ela acredita ter um falo e o exhibe, por suas atitudes, ser conduzida por devaneios de onipotência fálica e prazer nas quais realiza uma função sexual ativa em relação à mãe.

Assim como o garoto ela se sente feliz, autoconfiante e orgulhosa e muitas vezes exibicionista e agressiva. Em resumo, nesse momento a jovem é animada pelo desejo incestuoso de ter a mãe, orgulha-se de tê-la inteiramente só para si e assume uma posição nitidamente masculina igual a do jovem (NÁSIO, 2007).

No decorrer do processo edípico a jovem acaba por descobrir que existe algo de diferente em seu corpo em relação ao corpo do garoto, algo está faltando nela e é a partir dessa descoberta que seu mundo cai e fica desolada por não ter o pênis que o garoto tem.

A partir do momento em que a garota vê o pênis ela coloca em cheque as sensações que até então sentia e percebe que a fonte do poder não se concentra nela, mas no corpo do outro, no sexo do garoto. Neste sentido a visão impactante do falo, portanto, foi mais intensa que a mostrada em suas sensações erógenas. Com isto, a garota encontra-se desolada, pois o cetro que contém a força não é mais possuidor das sensações erógenas, mas sim pelo órgão visível do garoto.

Da mesma forma, para a menina, o objeto narcísico por definição é o falo, porém o objeto narcísico por definição não faz parte de seu corpo, mas sim é o amor próprio que possui a imagem sedutora de si mesma. Então, é possível dizer que o pênis da garota é a imagem de si (NÁSIO, 2007).

1.4 Enfim, sobre o corpo

As questões corporais vistas na ótica freudiana vão além do que era proposto enquanto algo biológico e palpável, assim Freud mostra um corpo que foge dos padrões vigentes de sua época causando espanto pelo modo como vinha dissecando-o.

O corpo, em sua superfície, é visto por Freud como uma topologia. É considerado como outro objeto, no entanto ao ser tocado gera dois tipos de percepções, onde uma dessas pode se equiparar a uma percepção interna.

Já se debateu de maneira enfática, mais precisamente na psicofisiologia, de que modo o corpo se destaca no campo sensorial. A dor é um dos fatores que envolvem a relação do ego com o corpo como algo único e não separado. Busca-se compreender a relação entre o ego, a angústia e seus impactos sobre o corpo causando a dor e até mesmo lesionando órgãos, é de certo um parâmetro para se ter uma noção da relação do ego psíquico refletido no corpo (FREUD, 1923/2011).

A partir do exposto acima, pode-se ter uma noção do que vem a ser o corpo para a psicanálise, Freud vai dando forma para este corpo que foge de todos os padrões da época que era o corpo biológico o corpo físico que era mais visado e o que interessava a comunidade científica da época e ao longo do seu texto. Desse modo começa a descortinar um futuro para as questões corporais compreendendo o conceito chamado ideal do ego e ego ideal, que mais tarde vai ser de fundamental importância para entender por que os sujeitos pós-modernos buscam a perfeição corporal. Divergências entre o ego e o ideal causarão um reflexo em última instância no que diz respeito ao contraponto entre real e psíquico, mundo exterior e mundo interior. Em outras palavras, não é árduo explicitar o ideal do ego onde este supre tudo o que é esperado da perfeição do ser humano (FREUD, 1923/2011).

Desse modo o ego e o corpo possuem ligações próximas tendo assim, em boa parte, identificações que são constituídas de investimentos deixados pelo Id; onde as primeiras identificações atuam regularmente dentro do ego.

Posteriormente o ego consolidado pode se portar de maneira mais veemente as interferências dessas identificações. O superego vai se organizando já nas primeiras identificações, ocorridas quando o ego ainda é débil, posteriormente, será o sucessor do complexo de Édipo. O ego está disponível a todas as interferências decorrentes, mantém por toda a vida a natureza que lhe foi oferecida por sua origem no complexo paterno, ou seja, a

competência de bater de frente com o superego, como a de controlar tanto os impulsos do Id (FREUD, 1923/2011).

As pulsões referentes à libido, padecem com o destino da repressão de cunho patogênico, quando batem de frente com os pensamentos morais e culturais do indivíduo. Assim, o sujeito não possui uma simples compreensão racional da existência da força pulsional, mas não significa que estará sempre subjugado às imposições que delas partem.

Os recalques advêm do ego, e são emitidas pelo superego. As mesmas percepções, experiências, impulsos, desejos que um sujeito suporta ou ao menos elabora de forma consciente são rechaçados por outros com certa aversão, ou já abafados antes de virem a ser conscientes.

O ego ideal direciona-se para rumo ao amor de si mesmo, no qual o ego usufruiu quanto criança. O narcisismo parece direcionado para esse novo ego ideal, que como o infantil toma de posse a perfeição. Nessa situação, como sempre na esfera da libido, o sujeito mostrou-se incapaz de abrir mão da satisfação que um dia foi aproveitada. O sujeito não abre mão da perfeição narcísica da infância, que não pode sustentá-la.

Incomodado por censuras durante seu progresso e tendo seu discernimento manifestado, busca reaver na forma do ideal do ego. O que ele projeta perante si como sendo seu ideal é o substituto para o narcisismo do sujeito que fora perdido na infância, onde este mesmo sujeito era seu próprio ideal (FREUD, 1914/2010).

Neste caso a sublimação é uma maneira inconsciente da libido objetual e faz com que a pulsão vá em direção à outra meta, longe da satisfação sexual. O ponto central incide no afastamento ante ao que é sexual, a idealização é um meio que envolve o objeto, ante o qual este é aumentado e em termos psíquicos é alçado sem que haja mudanças em sua natureza.

Desde então a idealização é viável na esfera da libido do ego e na libido objetual. De forma que a supervalorização sexual do objeto em questão, por exemplo, é uma idealização dele. Posto que a sublimação demonstra algo que substitui o instinto, e a idealização, algo que se refere ao objeto, no qual deve-se apartá-las a nível conceitual (FREUD, 1914/2010).

O ideal do ego reivindica tal sublimação, mas não pode impô-la. O fenômeno da sublimação permanece sendo algo muito particular, cujo começo pode ser eliciado pelo ideal, mas a realização continua de maneira independente. Nota-se que, a formação do ideal do ego eleva as exigências do ego e é o que mais beneficia a repressão (FREUD, 1914/2010).

O principio formador do ideal do ego, na qual está sob o amparo da consciência moral, surgiu por meio da influência crítica dos pais mediada pela voz, onde se uniram ao longo do

tempo figuras de autoridades dentre elas professores, tutores e uma gama infindável de personagens do meio (o próximo, a opinião pública).

Desse modo a energia libidinal foi encaminhada para a construção do ideal narcísico do ego, que encontra prazer em armazená-la. A organização da consciência moral foi, no entanto, uma materialização precursora da crítica dos pais, posteriormente da sociedade e reforçada pela repressão ou por uma proibição (FREUD, 1914/2011).

De acordo com o caráter principal da neurose, querendo se desvencilhar de todas as influências, iniciando pela dos pais, toma deles a libido homossexual. Assim a consciência moral se mostra então, de maneira arredia, como uma desagradável interferência advinda do mundo externo (FREUD, 1914/2010).

O Narcisismo auxilia no aparecimento do amor-próprio, que se mostra como forma de expressão da grandeza do ego, não sendo destacado o caráter que compõe tal situação. Tudo que se obteve ou que se conseguiu, todo o resquício primevo do sentimento de onipotência que a experiência constatou, ajuda a elevar o amor-próprio. A partir desse ponto de vista, Freud aponta uma diferenciação entre as pulsões sexuais e o ego, atestando que o amor-próprio possui uma dependência bastante íntima da libido narcísica. No que diz respeito à vida amorosa, não ser amado reduz o amor-próprio, enquanto ser amado eleva-o. Ser amado denota o objetivo e a satisfação na escolha narcísica do objeto (FREUD, 1914/2011).

O sujeito que ama veio a perder, neste sentido, uma parte de seu narcisismo, assim sendo amado pode reaver parte deste narciso que perdera. Em todas essas relações o amor-próprio parece conservar o vínculo com a parte narcísica da vida amorosa (FREUD, 1914/2010).

A noção da impotência, da própria inépcia para amar, em razão dos distúrbios de origem psíquica ou física, surte uma resposta totalmente desalentadora no amor-próprio. O motivo crucial desse sentimento que paira sobre o sujeito é o empobrecimento do ego que finda dos grandes investimentos libidinais dele recolhidos, em outras palavras, o prejuízo trazido ao ego por disposições sexuais não se subordinam mais a esse tipo de controle (FREUD, 1914/2010).

A interação do amor-próprio com o erotismo (com investimentos de objetos libidinais) podem ser mostradas, claramente, da maneira que se segue. Em ambos os casos é necessário diferenciar os investimentos se estão em consonância com o ego ou se, ao invés, provaram algum tipo de repressão.

Compreende-se que uma parte do amor-próprio é primária, resquícios do narcisismo infantil, já outra parte é oriunda da onipotência conhecida pela experiência (da realização do

ideal do ego) e a terceira parte, no entanto, consiste na satisfação da libido objetal (FREUD, 1914/2010).

Seguindo essa linha de raciocínio o ideal do ego deixou em situação difícil a satisfação libidinal nos objetos, no momento em que seu censor exclui parte deles como insuportáveis. Neste sentido quando certo ideal não evoluiu, a disposição sexual em voga mostrou-se intacta na personalidade, assim como a perversão. Vir a ser mais uma vez o próprio ideal, no que diz respeito às tendências sexuais, assim como na infância – eis o que as pessoas almejam ter, como sua felicidade (FREUD, 1914/2010).

Portanto, o que fora explanado acima pode corroborar com os tempos atuais no que diz respeito às questões corporais, pois nas culturas em que o sujeito está inserido a sociedade como um todo ocupa o lugar dos pais que outrora serviram de apoio para a formação desse sujeito. Esta mesma sociedade é o referencial para este novo indivíduo servindo assim como um espelho ou até mesmo uma vitrine para que este possa seguir minimamente sua existência.

Freud vem subvertendo o conceito de corpo e sujeito em que ambos eram vistos como máquinas destituídos de subjetividade, valendo-se assim da mitologia grega para dar consistência em suas idéias que irão influenciar outros teóricos posteriores a ele.

Nisto acaba por dissecar o sujeito o que resultou em sua fragmentação em id, ego e superego, além do próprio narciso que cada sujeito possui o influenciando como este percebe o mundo.

2 PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS DO CORPO

2.1 O corpo, o ego e a sua imagem e semelhança

No que fora escrito no capítulo anterior com as idéias de Freud, o presente texto vai tomar como base uma das idéias propostas por Lacan (1998) que é a teoria do Estádio do Espelho, inspirada no conceito de narcisismo e que ajudará a aprofundar o que vem a ser este corpo pós-moderno que tanto se fala e se vê.

No que diz respeito ao conceito estádio do espelho para Lacan, ele o define como uma assimilação do significado total que a interpretação fornece para esta palavra, assim, a modificação surgida no sujeito quando este internaliza a imagem traz o impacto desta fase onde é designada pela utilização, na teoria, do clássico termo *imago* cunhado por Jung.

Uma vez que a criança assimila a imagem, esta faz eco, onde se manifesta uma cadeia de gestos em que o infante vivencia ludicamente com a interação dos movimentos advindos da imagem com seu meio refletido. E a partir desse meio virtual com a realidade reduplica com seu próprio corpo os objetos que o circundam.

Desse modo a função do estádio do espelho mostra-se como um caso peculiar da função da *imago*, que tem como objetivo fazer uma ponte do biológico com a realidade. Contudo esse intercambio é modificado por um amadurecimento do sujeito com o meio em que vive, causado por uma divergência que é enganada pelos sinais de mal-estar e pela ausência de coordenação motora dos meses neonatais.

Seguindo essa ótica, o estádio do espelho pode ser considerado um impasse na constituição do sujeito, onde se forma um conjunto de ciladas na assimilação espacial. As fantasias que se seguem, desde uma imagem desfragmentada do corpo até uma forma de completude que é chamada de ortopédica acabam por criar uma proteção de uma identidade alienante. Esta determinará com sua estrutura rígida todo o desenvolvimento mental do sujeito (LACAN, 1998).

Duas questões foram fundamentais para Lacan (1998) na construção de seu conceito do estádio do espelho: a demarcação do aspecto social sobre a vivência psíquica e o emprego do complexo e da *imago* no percurso de constituição do sujeito.

Em seus trabalhos, o autor não deixa de salientar a determinação adotada pela “dialética social”, toda via, seja um importante componente de todo o projeto lacaniano, é

colocado entre parênteses em favor de uma circunspeção *sui generis* fatores especificamente psíquicos que advém da escassez fisiológica do sujeito quanto ao seu nascimento.

Em outras palavras, o aspecto social continua a existir como perspectiva de pesquisa no âmbito psicológico, mas a consideração sobre o espelho neste aspecto abstrai um pouco a imprescindibilidade de mencionar ela como ultima justificativa (SALES, 2005).

A condição em que o “ego” ideal corrobora ao “ego” a adjetivação inflexível que ocorre antes mesmo de qualquer determinação social, o evento da capacitação espacial declarado pelo estágio do espelho é antecessor à dialética social, que confere ao saber humano seu atributo paranóico. Essas afirmativas, a priori excêntricas a um projeto que indicara o caráter central da referência ao social, são realizáveis justamente devido à causa última desses episódios no momento identificado com a antecipação peculiar do nascimento do sujeito, como se de fato não pudesse existir algo precedente a isso (SALES, 2005).

A compreensão do termo estágio do espelho tem sido concebida no terreno da teoria psicanalítica, por meio da sua ligação com o momento da construção do sujeito onde predomina a dimensão imaginária, no momento que define um sentido específico entre a relação que o sujeito mantém com o outro nos princípios da construção subjetiva.

Esta articulação que, de um modo geral, é assertiva, encobre uma dimensão mais pontual que é a ponte do conceito do estágio do espelho com o conceito de identificação.

Com isso, o estágio do espelho dá um novo ponto de vista para o sentido de identificação, no momento em que apresenta, justamente, o modo da transição de mudança feita no sujeito por meio de uma imagem.

A assimilação do corpo é precoce no que diz respeito ao próprio domínio motor e fisiológico no qual são insuficientes. Nesse primeiro período de constituição do sujeito a criança, com suas fantasias de corpo fragmentado devido a sua prematuridade neurofisiológica é antecedida em uma unidade que se faz a partir da imagem do outro, ou seja, da imagem de um corpo próprio obtida no espelho, na qual ela vai alienar-se possivelmente.

Pela primeira vez, o olhar do corpo inteiro no espelho gera manifestações de júbilo na criança, que, rapidamente, olha para o adulto para encontrar, no olhar de um terceiro, a constatação do que vê no espelho, que passa a ser considerado como seu ego ideal (GRECO, 2011).

Este evento ocorre por volta dos seis meses de idade, onde a criança tem a possibilidade de reconhecer um rival, onde nos primeiros momentos, acontece um fenômeno no qual as crianças, quando são postas todas juntas, confundem-se e é nesse momento que ocorre a identificação e rivalidade entre elas.

No que diz respeito às questões que embasam as idéias de Lacan na formação de sua teoria o estádio do espelho, traz um novo sentido, ou melhor, da uma nova perspectiva sobre o conceito do ego freudiano, conjecturando-o sob um ponto de vista por meio de uma matriz imaginária.

A nova perspectiva lacaniana de ver o ego freudiano na qual ele foi construindo ao longo do tempo, chamou a atenção por um fato peculiar onde ele se apoiou para desenvolver seu conceito, foi por meio de um experimento de cunho biológico e comportamental que pode ser averiguado tanto em crianças por volta de seus 6 a 18 meses como pode ser visto em alguns animais, e apoia-se basicamente na assimilação das conseqüências que a imagem do espelho oferece (FERRARI; ALCANTARA, 2004; SALES, 2005; MARTELLO, 2014).

Percebe-se que há uma importante diferença entre os bebês humanos e os de outras espécies no reconhecimento de si é que: os primeiros a despeito da imaturidade motora se reconhecem em uma dada imagem no espelho como sendo a sua, esse reconhecimento no entanto não é dado sem alvoroços, no qual é necessário um novo percurso a ser trilhado para que esta imagem possa ser reconhecida (MARTELLO, 2014; FERRARI; ALCANTARA, 2004).

Essa atitude, com efeito, está longe de exaurir, como no caso de outras espécies (o macaco), no comando uma vez obtido da inanidade da imagem, logo ecoa, na criança uma seqüência de sinais em que ela vivencia ludicamente a relação dos movimentos acolhidos pela imagem com seu meio refletido, e desse complexo factível com a realidade que ele reduplica com seu próprio corpo e com as pessoas, em outras palavras, os objetos que estejam em suas cercanias (LACAN, 1998).

A forma global do corpo na qual o sujeito apressa em uma ilusão o desenvolvimento de sua capacidade que só lhe é fornecida como *Gestalt*, isto é, numa mostra em que de alguma maneira esse modo é mais constituinte do que constituído, mas, no entanto e acima de tudo ela é mostrada em destaque na forma de um arcabouço que estabilize em uma simetria que altera, em oposição ao alvoroço de movimentos com que ele experimenta animá-la (LACAN, 1998).

Portanto o estádio do espelho é um sofrimento no qual o impulso interno antecipa-se da carência para a prenúncia e produz para o sujeito, pego no engodo da identificação espacial, na qual as fantasias que se sucedem desde uma imagem fragmentada do corpo até uma forma de sua globalidade que pode chamar de ortopédica e para a couraça enfim assumida de uma identidade alienante, que assinalará com um alicerce rígido todo o seu desenvolvimento mental. A função do estádio do espelho mostra-se, conseqüentemente, como

um caso peculiar da atividade da imago, que é manter uma compatibilidade do organismo com a realidade (LACAN, 1998).

Após algum tempo do desenvolvimento deste conceito este pode ser utilizado em questões ditas pós-modernas, que envolvem e preocupa o sujeito, para fazer um recorte deste universo que o implica, o conceito pode ser bem empregado para entender a relação sujeito e o corpo e como este o sente e afeta o seu psiquismo.

2.2 A cultura e o social como estruturante corpóreo

A variedade moral e cultural que permeia a humanidade apresenta maneiras diversas na concepção, uso e relação com o corpo. Neste sentido o corpo é a junção capital entre o sujeito e o mundo que o permeia, este mesmo corpo facilita o diálogo entre natureza e cultura.

O corpo é socialmente estruturado e nele se realiza o vínculo sujeito *versus* sociedade, jogando luz onde ocorrem conflagrações simbólicas que repercute conflitos do nosso tempo (FERREIRA, 2008).

Sendo assim, o corpo transforma-se em uma espécie de palco onde ocorrem discursos e conflitos simbólicos que vão fazer parte da formação da identidade ligada ao sujeito, em algumas situações haverá a reformulação do próprio corpo no qual é marcado por mecanismos de renovação da identidade, da autoestima e da consolidação da interação com o mundo (FERREIRA, 2008).

No tocante psicanalítico, desde a época de Freud, o ego é um desdobramento do campo corporal e sua formação está intrinsecamente veiculada ao corpo. As demandas fisiológicas e psíquicas são correlacionadas, fazendo com que o biológico e o simbólico se comuniquem desde os primórdios da subjetividade. Levando em consideração as idéias freudianas (FERREIRA, 2008).

As experiências emocionais elementares da criança com o mundo externo são feitas de acordo como a genitora mostra o ambiente para a criança, de início suprimindo as carências conforme elas aparecem.

Cabe pensar que a extensão do conjunto corporal da criança com a genitora fornece as primeiras vivências muito importantes, devido a sua qualidade, por sua estimulação de confiança, de prazer e do pensamento. A vivência subjetiva corporal no qual é habitado pelas carências e pelas pulsões, isto é, do corpo erógeno, distingue-se da sua imagem exterior. Em

outras palavras, a imagem corporal vem de fora, esta terá a função de vestir este corpo, mas é mal feita (CAETANO, 2008).

A imagem do corpo do sujeito forma-se por meio da visão afetiva do rosto materno e das referências sensoriais reforçadas suscitadas pela genitora. Toda via, é por meio do outro que a criança começa a dar-se conta de si, e isto induz a pensar em seu desejo, assim como seu corpo, não é imediatamente vivido como este fosse seu, mas projetado e alienado no outro (CAETANO, 2008).

Portanto, antes do surgimento do corpo biológico da criança, o Simbólico já se configura no discurso e nas expectativas dos genitores e do social. Levando em consideração que a criança não tem acesso a própria fala, esta é falada por terceiros, formando assim, o seu espaço marcado pelo simbólico. Nesta lógica a criança não possui uma função simbólica que possa ser chamada de sua, portanto desde o nascimento da criança e até mesmo antes dele, é simbolizada por terceiros (CAETANO, 2008).

Dessa forma, no curso da socialização o corpo é paulatinamente escrito ou sobrescrito ou por que não inscrito com significantes, tratando-se de um processo que segue toda a vida do sujeito. Pode-se pensar que seguirá as vicissitudes do real do corpo, que propaga a mudança à revelia do próprio sujeito, com isso o sujeito procurara incessantemente uma imagem que confirme a sua (CAETANO, 2008).

O conjunto de questões entre o ego e o corpo está vigente nos trabalhos de Lacan desde os primórdios de sua incursão pela psicanálise. Por intermédio da estruturação da inscrição do Imaginário e da configuração conceitual sugerida pelo estágio do espelho, a teoria diz a importância da imagem do corpo próprio na formação do ego.

A alusão ao corpo se faz presente no decorrer dos trabalhos lacanianos, havendo reformulações convergentes que se introduz. Todavia, no rastro de Freud, o corpo que interessa a psicanálise não é o corpo biológico e sim o corpo falado. Para a teoria laciana é o corpo circunscrito pelo significante e habitado pela libido, corpo erógeno e singular, constituído e traduzido pela letra. Corpo de desejo, portanto, de gozo, perspectiva que influencia um novo olhar para reconsiderar as questões corporais sob uma nova luz da linguagem (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002).

O Estádio do Espelho mostra o momento da preparação da estrutura do sujeito, expondo assim a clara relação simbólica que o outro ocupa, e a maneira como o sujeito, em contato com o outro, ajusta sua imagem (ego ideal), tomando como referência o padrão onipotente do ideal do ego e a que o indivíduo e o outro estão suscetíveis.

Assim, esta identificação jamais se tornará total, não há ligação possível entre um ego social e o inconsciente; ela será uma busca contínua por aquela oportunidade em que a criança vira para o adulto, como numa espécie de busca, de alguma maneira, por seu assentimento (FERREIRA, 2008).

3 CORPO PSICANALÍTICO X CORPO CULTURAL

3.1 A cultura no corpo

Questões que envolvem o corpo dentre elas o que se come, como as pessoas se vestem, os rituais cotidianos por meio dos quais o tratamos é um agente da cultura. Sendo assim, o corpo é uma potente forma simbólica, uma plataforma onde as regras principais, as posições e até os envoltimentos ditos metafísicos de uma dada cultura são forjados e dessa maneira enfatizados por meio da linguagem corporal concreta. O corpo pode atuar como uma metáfora da cultura, ou seja, uma imagem mental da morfologia que tem oferecido um mapa para o diagnóstico da vida sociopolítica (BORDO; JAGGAR, 1997).

Desse modo o corpo acaba por moldar-se de acordo com determinados aspectos vigentes em cada momento da cultura, sociedade, economia e da política, logo ele tem que se adequar aos parâmetros que estão em vigência, se não seguir este ritmo frenético das mudanças este acabará por morrer em termos de existência ficando assim invisível aos olhos da sociedade.

Levando em consideração essa perspectiva pensa-se que o corpo é um processo. Todavia, este pode ser compreendido como um objeto que se imbrica na história, fazendo parte do contexto pelo fato de sua força cultural envolvendo técnica, sociedade, sentimentos e objetos.

Portanto o corpo não é uma simples *tela* presente na cultura. Ele se encaixa em um lugar singular. De maneira frívola, por meio dos modos à mesa no que diz respeito às normas de etiqueta até os hábitos de higiene, rotinas, normas e práticas aparentemente corriqueiras, transformadas em tarefas automáticas e habituais, a cultura molda o corpo. Assim as concepções de cunho político e consciente, os envoltimentos sociais, os empenhos por transformações podem ser abalados e alienados pela vida corporal não se tratando do corpo instintivo e desejante, mas um corpo dócil e ajustado posto a serviço das regras culturais e acostumado as mesmas (JAGGAR; BORDO, 1997; RAMOS, 2010).

Seguindo essa linha de raciocínio, o corpo na pós-modernidade tem que ser um corpo bem visto e isso significa que este tem que está adequado as normas da cultura vigente seguindo um padrão que vai além do estético, ou seja, perpassando por um rígido disciplinamento que tem como objetivo engessá-lo como um todo não permitindo sua espontaneidade.

Nos tempos em que o contemporâneo influencia os modelos corporais vigentes na sociedade são determinados pela imagem. Esta congelada pela estatua, parecida com o estádio do espelho onde mostra uma formação da constituição psíquica onde a criança, ainda imatura, é flagrada por sua imagem em pé, na sua totalidade de maneira estática, interiorizando de maneira enganosa as primeiras concepções do ego. O sujeito encontra-se fisgado pelo aspecto impecável das revistas, dos anúncios encontrados em todas as partes, do *close* no corpo esculpido nos cinemas e na televisão; levando em conta que atualmente existem uma enorme procura e oferta por serviços que reconstroem o corpo. Percebe-se a proibição do envelhecer, é necessário camuflar ou se possível aniquilar qual quer vestígio de rugas, transmitindo a falsa ilusão de compor as rachaduras no ser. Desse modo, o sujeito vai se organizando no discurso do Outro, circunscrito pela imago (MAESSO; SCHNEIDER; CHATELARD, 2015).

O corpo está em evidencia absoluta é um produto hiper valorizado na atual sociedade nele se investe tudo inclusive frustrações por não deixá-lo conforme o desejado pelo seu proprietário. Todavia, é vítima de um ideal de completude e perfeição inalcançável. Ele ocupa um lugar de visibilidade quanto mais exposto melhor, agora frequenta o espaço público espalhando-se por todas as partes nas academias de ginástica, em clinicas de estéticas nas ruas etc. (FERNANDES, 2011).

Nota-se no que fora descrito nos parágrafos acima que à medida que o tempo, a sociedade e a cultura muda o corpo também acompanha o contexto no qual está inserido. É nítido que o corpo que ocupa a pós-modernidade ganhou novos contornos, novos destinos e novos usos. Nessa redescoberta do corpo pesquisadores do tema começaram a enxergar um corpo além do biológico e do cartesiano e que é por meio deste corpo que o sujeito pós-moderno se situa no mundo.

3.2 Cartografia do corpo pós-moderno

O corpo ao longo dos tempos tornou-se tão complexo que foi necessário convocar outras áreas de saberes diferentes numa tentativa de (re)fazer uma nova cartografia do objeto estudado.

Dentro do social onde este interage com outras formas corporais dentre eles o corpo estético e da beleza que denota excelência a ser seguido, o corpo antropológico pode ser entendido como síntese de todos os corpos pelo fato de se adequar as mudanças carregando consigo suas marcas e possíveis cicatrizes. Como obra de arte viva em constante movimento que atrai os olhos curiosos da sociedade, sua historicidade por si só já fala tudo. Em

contrapartida o corpo da psicanálise é subjetivado cheio de pulsão e libido que até os tempos de hoje é uma incógnita para quem o estuda a fundo, assim o corpo do ser humano é um evento que acontece como resposta pela inserção do sujeito na esfera da linguagem e de suas interações com o simbólico e a cultura que o cerca (PACHECO FILHO, 2010; OLIVEIRA-MENEGOTTO; OLIVEIRA HEIDRICH, 2012).

O corpo vem passando por evoluções constantes ao longo da história, percebe-se que este até então era visto como objeto encerrado no sistema biológico aparentemente limitado como se fosse um sistema pronto, mas não o é pelo fato do sujeito ir além do biológico como está sendo argumentado.

Nota-se que ao longo dos tempos, o corpo do sujeito vem sendo aos poucos dissecado de maneiras diferentes e por diversos ângulos a depender de quem está estudando-o e do enfoque que lhe é dado, com isso este sujeito pós-moderno veio a perder suas referências enquanto tal pelo fato de ele orientar-se através do corpo que antes era inteiro e não fragmentado e dava a certeza de quem o sujeito é realmente.

O corpo concede forma ao sujeito, por esta razão é tão apegado a ele. Se existe algo de que gostamos, é o corpo, justamente por ele nos prover concretude perante a ausência de algo que nos defina e que fale perfeitamente o que e quem é este sujeito, em seu segmento real pode ser encarado como um conjunto de “peças soltas”.

Sua forma e imagem sedutoras levam o sujeito a um pensamento de unicidade, a clínica vem apontando o corpo como um aglomerado de peças podendo ser alçado ao nível de significante por meio do próprio sintoma, ao libertar-se, ganha vida própria com as experiências angustiantes, e até mesmo ao paralisar-se na inibição.

Seguindo essa lógica pode-se interpretar o corpo como um agrupamento de peças por meio de zonas erógenas, da nascente somática da pulsão e também dos próprios objetos pulsionais: seio, fezes, voz e olhar (COPPUS et al., 2014).

Assim ele é encarado como um mecanismo de contenção e posicionamento de um excesso de gozo, numa maneira de manter o sujeito em equilíbrio, que autoriza uma materialização de uma resposta perante o gozo do Outro, tornando-se assim território propenso para o surgimento de sintomas, demonstração da angustia e a experiência de inibições (COPPUS et al., 2014).

3.3 O corpo nos registros: Real, Simbólico e Imaginário

Tomando por base a teoria lacaniana o corpo pode ser compreendido sob três aspectos importantes da teoria estudada entre eles o Real, Simbólico e o Imaginário. O corpo pensado pelo ponto de vista do Real seria uma espécie de sinônimo do gozo, estabelecido não como algo vindo do organismo, mas como pura energia psíquica, na qual o corpo seria a caixa de ressonância.

Já o corpo visto pela ótica do Simbólico mostra a relação que se estabelece pela tríade entre a fala-linguagem-corpo. O corpo nesta visão é sublinhado pelo simbólico, na qual as várias partes podem servir de significantes, ou seja, ir além de sua função no corpo vivo. Por último, o corpo analisado pelo Imaginário nos faz levar em consideração os primórdios da teoria lacaniana e o modo como a imagem do corpo próprio por meio do outro onde marca a constituição subjetiva e a imagem adotada pelo sujeito (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002).

O Real é da ordem do irrealizável. Tem-se notícia que a simbolização não abarca o Real, e com isto, termina por parar nos muros da repetição, levando a crer que é algo onde não abre brecha para se inscrever. Portanto, faz-se urgente que o sujeito se empenhe em dar algum significado para este algo que ainda não está claro para ele. Fornecer um significado ao Real é tarefa do Simbólico, contudo sabe-se que, por outro lado, o significado é fornecido pelo Imaginário (STERNICK, 2010).

Os conteúdos advindos do Simbólico nada mais são do que uma inscrição que mantém certa ordem, em outras palavras, organiza. Neste aspecto o Simbólico é responsável por esta organização; esta é a tarefa do símbolo e automaticamente da linguagem, só por meio dele é possível organizar o Real e o Imaginário (STERNICK, 2010).

Pode-se notar que o Simbólico faz o meio de campo nas tarefas que envolvem o Real e o Imaginário, cabe atribuir também que ele funciona como um maestro, ou melhor, como uma ponte que facilita a transição e a comunicação dos dois mundos o mundo do Real e o mundo do Imaginário fazendo-os com que coexistam da maneira mais harmoniosa possível.

Há uma relação simbiótica entre o Real, Simbólico e o Imaginário o que leva a crer uma interdependência dessa trindade. Ou seja, ao fazer menção ao Real, faz-se necessário citar o Simbólico, ao fazer referencia ao Simbólico, obrigatoriamente tem que falar sobre o Imaginário (STERNICK, 2010).

O termo Imaginário induz a pessoa a se remeter ao significado de ilusão, distorcendo assim o seu verdadeiro sentido no campo da psicanálise. Sob este aspecto, este conceito na

concepção psicanalítica possui uma relação de mão dupla onde o sujeito mantém uma concepção da sua imagem com a de seu ego (STERNICK, 2010).

Esta condição do corpo, que goza e existe na experiência de satisfação quanto no confronto perturbador com o sexo, define as maneiras de gozo. As duas situações são provenientes de variações de uma experiência corporal.

De início, observa-se no âmbito do gozo uma vivência singular de prazer, que gera, por assim dizer, uma compulsão na procura por objetos que dêem uma vez mais o mesmo prazer. Na segunda etapa, no decorrer de uma cena sexual, o corpo de uma criança pode ter sido excitado, no entanto, esta era ainda muito nova e não possuía compreensão suficiente do que era o sexo, tal cena não tomou o âmbito quando é reivindicado para si onde é realizado em um futuro próximo, quando, então, é desencadeada por outra experiência parecida, será revivida enquanto trauma. Nessa ocasião, o corpo fruto do Real firmou-se anteriormente e necessitará de outros acontecimentos mais atuais contando com a ajuda do Real e do Simbólico (STERNICK, 2010).

O termo gozo no âmbito do campo jurídico, define o direito de se ter uma posse ou um bem, desde que o sujeito tenha responsabilidade sobre esta posse ou bem. Na ótica psicanalítica, pode-se afirmar, de maneira objetiva, que o prazer está associado à repetição de vivências no período infantil, ele está para além do princípio do prazer e aponta de alguma maneira uma transgressão.

Percebe-se um aprofundamento no conceito de gozo fazendo menção ao termo desejo. Sabe-se que as interdições são aquelas que mais instigam os desejos do sujeito, provavelmente o interdito pode conduzir ao prazer quando é possível aproveitá-lo. No entanto, o desejo nada mais é do que uma resposta da reorganização edipiana, pois o pai é o encarregado por deixar o sujeito numa posição desejante após proibir a mãe.

Dessa maneira, o pai ou aquele candidato a ocupar a função deste será incumbido por barrar o gozo e é dever do sujeito realizar uma reorganização a nível simbólico do que ficou para trás. Assim, onde há proibição, o sujeito tem conhecimento dela, há chance para o desejo e, nesse caso, não há chance para o gozo.

Alcançar o prazer seria apenas deleitar-se com uma comprovação, prova do que pode ao vínculo inicial com a mãe, portanto, do prazer onde se tem conhecimento de um “princípio”; o exagero, a violação, o deleite e o desfrute encontram-se além do princípio do prazer, ficam, portanto do lado gozo.

Percebe-se que o desejo tem como aspecto de ser inacabável, isso já demonstra quanto ele é insaciável. Em outras palavras, não existe objeto que possa satisfazê-lo, ainda que o

sujeito insista imaginariamente achar que amenizara com a obtenção de pequenos objetos fornecidos pelo consumo (STERNICK, 2010).

A imagem inconsciente que o sujeito tem do corpo é um dos conceitos capitais para a psicanálise atual. Esta é um apanhado das marcas primárias cunhadas no psiquismo infantil pelas percepções corporais que uma criança, ou até mesmo um feto, reconhece no contato com a mãe, ao contato corpóreo, afetivo e simbólico com sua genitora. Percepções que foram vivenciadas pela criança antes do controle total da fala e antes da descoberta de sua imagem perante um espelho por volta dos três anos (NASIO, 2009).

Desse modo, quando o bebê nota que a imagem que ele dá a ver aos demais é sua imagem do espelho, e que essa imagem não é exatamente ele, que os demais só tem acesso a ela pelo que enxerga, assim ele dá mais importância às aparências e nega suas percepções internas.

Todavia, excluirá o lado de dentro para manter-se focado no lado de fora. A aflição da decepção dá privilégio à sagacidade de um inocente bebê que faz uso de sua imagem especular em nome de seu narcisismo. A partir de agora, a imagem do corpo-visto sobrepujará a imagem do até então corpo vivido.

É por volta dos três anos, e ao longo de nossa existência, que a imagem do corpo visto irá se sobrepor na consciência, em detrimento do corpo-vivido, que, por seu turno, serão esquecidas e recalçadas no limbo do inconsciente. Em outras palavras, por volta dos três anos, à imagem do corpo-visto prevalecerá na consciência, à medida que as imagens do corpo vivido dominarão no inconsciente (NÁSIO, 2009).

Pode-se notar pelo que foi discutido o autor começa a traçar os primórdios do excesso de preocupação corporal que o sujeito pós-moderno terá ao longo da vida, muito do modo como o sujeito irá perceber-se corporalmente no mundo dependerá dos primeiros anos de vida ou até mesmo muito antes disso no sentido da vida intra uterina.

Essas imagens, apesar de permanecerem recalçadas, ficarão fortemente vivas durante toda a existência e se mostrarão em todas as formas de expressões naturais do corpo adulto do sujeito. Extremamente presentes, estas imagens inconscientes do corpo infantil ditam as atitudes corporais involuntárias, as gesticulações, os acenos e as posturas. Contudo, elas interferem no vocabulário e fazem parte do nascimento de várias expressões populares compostas de palavras que designam elementos corporais (NÁSIO, 2009).

O conceito de imagem básica onde esta fornece a criança, sem que ela se dê conta disto é fundamental que ela não venha a pensar nisto por agora, a convicção de que seu corpo vivo está envolto e descansa nos braços da mãe que o levam para terra firme que o protege. Se

for mais longe até o período da gestação, a imagem básica é ainda que mantém contato com o feto dando-lhe a sensação de que está envolto em um líquido amniótico denso e protetor (NÁSIO, 2009).

Quando se fala de imagem básica é uma imagem que permeia um corpo calmo e bem carregado, já a imagem funcional é, por outro lado, a imagem que percebe um corpo interiormente vibrante, totalmente sedento por saciar suas necessidades e desejos; um corpo em busca de objetos palpáveis para suprir suas faltas e a procura de objetos imaginários e simbólicos para tamponar a falta (NÁSIO, 2009).

A imagem erógena, por sua vez, é a imagem de um corpo sentido como uma brecha encolhendo e distendendo de prazer. No momento de mamar, o bebê sente todo o seu corpo como uma boca, e no momento de evacuar, como um ânus.

De todas as imagens descritas a imagem básica é a mais significativa, porque, a cada fase libidinal, ela fornece ao bebê a percepção de sua existência enquanto sujeito, ou seja, a sensação instintiva de ser. Esta imagem é considerada como imagem-refugio.

Quando um bebê se vê atacado em qualquer das duas imagens relacionadas a uma fase libidinal determinada, ela retorna automaticamente à imagem básica da fase anterior, é onde o bebê reencontra seu porto seguro. Toda via, uma criança que retrocede vai atrás de uma segurança fundamental: poder comunicar que se sente ela mesma.

Assim, esta volta pacífica à primeira fase faz o bebê se martirizar, porque, tendo retornado, acha-se concomitantemente ultrapassado: os outros continuam vê-lo como um bebê de sua idade, ao passo que ele percebe-se pequenino (NÁSIO, 2009).

À imagem básica, fornece uma tripla percepção de permanecer estável para além das infundáveis mudanças no caminho, e assim, a sensação de ficar consistente para além das intermináveis substituições com o outro e o meio que o envolve. Em outras palavras, ser a si mesmo é, portanto, ser aquele que continua idêntico a si, não obstante a infundáveis transformações da existência.

Todavia, se o sujeito quer ter proximidade do misterioso conteúdo desse si mesmo, encontra-se que a sensação de si não passa, no fundo, de uma expressão para nomear um desejo, o desejo de viver, o amor infável pela vida. Perceber-se a si mesmo pressupõe, acima de todas as coisas, a inabalável vontade de ser, de não parar de ser, de ser o máximo que consegue ir até o fim (NÁSIO, 2009).

Considera-se a imagem de um objeto capturada pelo indivíduo como sendo uma imagem falsa quando se ama ou se odeia esse objeto. É falsa pelo fato do objeto ser captado no qual suscita a criança interna que há no sujeito e falsa quando esse mesmo objeto visto

com os próprios olhos do sujeito de amor ou de ódio e a inocência infantil é sentida equanimemente com o olhar implacável do pai que existe dentro do sujeito, e que o julga.

O pensamento discutido acima é uma prova como carregamos o olhar do outro que aparece sob dois aspectos: o outro pequeno, do imaginário que atrai o ego com sua demanda de ser visto e se fundamenta no narcisismo; e o grande Outro que se remete ao sujeito inconsciente, que possibilita a passagem para o simbólico, para o crescimento e para a busca de si mesmo.

Esse olhar, do outrinho ou do grande Outro, serve como base da percepção corporal que o sujeito tem de si, ou seja, quanto mais severo este olhar que o sujeito carrega consigo, mais severo ele será com sua percepção corpórea e mais crítico ele será com o mundo ao seu redor. É por meio do corpo que ele vai se situar no mundo e com isso mais voltado para a imagem. Essa é a tônica de tudo que podemos chamar de pós-modernidade – a cultura da imagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho pode ser percebida a importância que o corpo tem para o sujeito, através dele pode-se perceber e sentir o mundo tornando-o assim um fio condutor de sensações que irá nortear o sujeito no contexto que se encontra.

Ao longo desse estudo nota-se uma grande relevância no sentido evolutivo do objeto estudado, até então questões corpóreas eram tratadas como supérfluas dando a impressão de que o sujeito juntamente com a sua parte mental não possuía nenhum tipo de vínculo com sua embalagem o corpo.

Pode-se notar que com o surgimento da psicanálise ela deu um novo olhar no que vem a ser o corpo, ou seja, ela conseguiu ampliar certas áreas de tal objeto que até então não eram possíveis de serem vista ou até mesmas percebidas devido ao excesso da percepção biológica vigente na época.

Depois da criação da psicanálise deu-se um novo sentido e um novo olhar para o corpo, a teoria mostrou que o mental interfere no corpo e ao contrário também quando o sujeito apresenta certas reações que não são visíveis para as lentes biológicas.

Neste trabalho nota-se que o corpo é um veículo importante de comunicação com o contexto no qual o sujeito está inserido, pois certas situações são sentidas e transmitidas via corporal e dependendo de como o indivíduo as percebe ele pode vir a falar através do corpo.

As questões pós-modernas que envolvem o corpo são refletidas nele, ou melhor, ou o corpo reflete a pós-modernidade ao ponto de adoecê-lo mostrando o verdadeiro funcionamento da psique humana provando mais uma vez que corpo e mente estão unidos.

Devido à frenética movimentação da pós-modernidade o corpo e a mente sentem seus efeitos, pelo fato de muitas vezes não darem conta de acompanhar suas exigências quase sempre inalcançáveis dentre elas: a busca de um corpo perfeito, super eficiência no trabalho, relações com o outro trazendo assim dores psíquico-corporais onde são simbolizadas por meio do corpo.

Conclui-se neste trabalho que mente, corpo e contexto estão intimamente ligados a ponto de interagirem de modo simbiótico, ou seja, há uma interdependência entre essa tríade que dependendo das circunstâncias vividas pelo sujeito este pode vir a simbolizar por diversas maneiras inclusive adoecendo.

Por conta desta fragmentação corporal que se vem observando, se fez necessário lançar mão das contribuições teóricas do Násio onde este soube captar tão bem o que os

corpos pós-modernos vêm sentido e passando desde sua constituição quanto sujeito (Édipo) até sua formação trazendo os reflexos de suas experiências vividas na atualidade em que se encontram.

A necessidade de dar uma atenção especial ao pensamento do autor é pelo fato de ter ido mais além do que outros teóricos citados no presente trabalho, ou seja, ele soube aproveitar as brechas deixadas por outros autores clássicos para dar um novo enfoque na temática proposta.

Násio com seus pensamentos e teorias, acaba por dar um contorno do que vem a ser o corpo pós-moderno adequando o pensamento clássico da psicanálise com o momento presente da pós-modernidade fazendo uma nova leitura dos corpos e aprofundando mais no que diz respeito à parte clínica.

Devido a essas transformações que a pós-modernidade traz, se faz necessário aprofundar no tema para que pessoas possam se valer de um tratamento mais adequado no intuito de aliviar as dores que são peculiares a contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

CAETANO, D.W.. O corpo em evidência: o simbolismo do corpo queimado. *Omnia Saúde* (FAI), v.5, p. 7-22, 2008.

COPPUS, Alinne Nogueira et al., O medo que temos do corpo: a psicopatologia da vida cotidiana. **Analytica**, São José Del Rei, v.3, n.5, p.20-36, dez. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972014000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em : 09 jul. 2016.

CUKIERT, Michele; PEISZKULNIK, Léia. Considerações sobre eu e o corpo em Lacan. Uma contribuição à questão do corpo em Psicanálise: Freud, Reich e Lacan. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v.7, n.1, p. 143-149, Jan. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 Jun. 2015.

FERNANDES, Maria Helena. **Corpo**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FERRARI, A.G. ; ALCÂNTARA, J.V. . Estádio do espelho, identificação e constituição subjetiva – Algumas considerações. **Pulsional. Revista de Psicanálise** (São Paulo), v. 17, n. 178, p. 7-14, 2004.

FERREIRA, Francisco Romão. A produção de sentidos sobre a imagem do corpo. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v.12, n.26, p. 471-483, Set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832008000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 Jun. 2015.

FREUD, S (1923). O Eu e o Id. Trad. Paulo Cesar Lima de Souza. **Obras Completas**, v. XVI. São Paulo: Companhia das Letras , 2011.

FREUD, S (1924). A dissolução do complexo de Édipo. Trad. Paulo Cesar Lima de Souza. **Obras Completas**, v. XVI. São Paulo: Companhia das Letras , 2011

FREUD, S. (1914). Introdução ao narcisismo. Trad. Paulo Cesar Lima de Souza. **Obras Completas**, , v. XII. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2010.

GANDOLFO, Maria Inês Conceição; TAFURI, Maria Izabel; SCHEINKMAN, Daniela Chatelard (Org.). **Psicologia clínica e cultura contemporânea**, v.2. Brasília,DF: Technopolitik, 2015.

GRECO, M.G. **Os espelhos de Lacan. Opção Lacaniana**, v. 2, n. 6, nov. 2011.

JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. Tradução de Britta Lemos de Freitas.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996

LACAN, J., **Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LAPALNCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise** 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Tradução de Pedro Temen.

MARTELLO, A., **O estágio do espelho**. 2001. Disponível em: <http://www.isepol.com/estagio_espelho.html>. Acesso em: 15 jul. 2014.

NÁSIO, Juan David. **Édipo o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. Tradução André Telles.

NÁSIO, Juan David. **Meu corpo e suas imagens**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. Tradução André Telles.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de; REIDRICH, Regina de Oliveira., Corpo e psicose: articulações entre Psicanálise e Informática. **Cad. Psicanál.-CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 27, p. 211-224, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952012000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 Jul. 2016.

PACHECO, Raúl Albino Filho., Corpo e discurso. **A peste**, São Paulo, v.2, n.2, p. 297-300, jul./dez, 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/a peste/article/view/16628/12481>>. Acesso em: 9 Jul. 2016.

RAMOS, Conrado., Alguns apontamentos para se pensar a relação entre corpo e contemporaneidade. **A peste**, São Paulo, v.2, n.2, p. 323-335, jul./dez, 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/a peste/article/view/16632>>. Acesso em: 9 Jul. 2016.

SILVEIRA SALES, L..Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário. **Revista do Departamento de Psicologia (UFF)**, Rio de Janeiro, v. 17, n.1, p.113-127, 2005.

STERNICK, Maria Viana de Castro., A imagem do corpo em Lacan. **Reverso**, Belo Horizonte, v.32, n.59, p.31-37, jun. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952010000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 jul. 2016.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Mitos Gregos**. São Paulo: Objetivo, 1998

